

MARTIM SILVA

“NÃO VALE A PENA TRAVAR O VENTO COM AS MÃOS”

Face a uma revolução “mais rápida” que todas as outras, o especialista salienta a necessidade de não nos deixarmos ficar para trás

Texto **Mariana Ramos Loureiro** Foto **António Pedro Ferreira**

Explorar o universo das ferramentas de inteligência artificial faz parte do dia a dia de Martim Silva. Criador de conteúdos sobre tecnologia, no Instagram (@martimsilva), publica regularmente vídeos que explicam o funcionamento e utilidade destas plataformas. Em 2024, foi consultor estratégico da AI Innovation Garden, a primeira exposição dedicada à inteligência artificial do país. A pedido do Expresso, seleccionou as melhores das plataformas já existentes no mercado que usam esta tecnologia. Em entrevista, fala sobre as opções feitas, o papel da inteligência artificial nestas ferramentas e como pode a presença delas ser normalizada em diferentes contextos.

■ **Que critérios foram utilizados para a seleção das melhores plataformas e aplicações de inteligência artificial?**

■ A escolha baseou-se em três critérios. Primeiro, a sua utilidade real. São ferramentas que qualquer pessoa pode utilizar, desde uma criança de seis anos até uma pessoa com

90. Também, o facto de serem inovadoras. Estas são plataformas que trazem algo novo e revolucionário às suas diferentes áreas. Por exemplo, a Boltnew é uma plataforma que faz *websites* ou softwares numa questão de minutos, há uns tempos era impensável conseguirmos fazer uma coisa destas. E, depois, a sua tendência e impacto no futuro. São ferramentas que já estão a transformar o mercado e acredito que terão um papel ainda mais relevante nos próximos anos.

■ **Porque é que a utilização de inteligência artificial diferencia estas plataformas?**

■ Primeiro, são plataformas que são muito democratizáveis. Antigamente, se eu quisesse desenvolver um *website* ou um software, tinha de saber código, ter um curso, ter muitas habilidades. Agora já é possível através do *prompt* [entradas em texto inseridas pelo utilizador], o tal retângulo mágico, em que basta escrevermos o que queremos e os resultados aparecem numa questão de minutos. Também poupamos imenso tempo e aumentamos a nossa produtividade. Se calhar, em vez de estarmos a perder horas, semanas ou meses, dependendo da tarefa, podemos usar o tempo que a inteligência artificial nos poupou para desenvolver novas *skills*, passar mais tempo com a família ou ter mais contacto com o cliente.

■ **As plataformas seleccionadas foram organizadas por tarefas e sectores, como a criação de imagens e de vídeo, o design e a educação. São estas as áreas a que a inteligência artificial está a trazer maior mudança?**

■ Sim, apesar de, na minha opinião, já não existir um sector que a inteligência artificial ainda não possa impactar. Já existem no entretenimento, por exemplo, vídeos que não sabemos distinguir se foram feitos

artificialmente ou por uma equipa. Na educação, também, já existem imensos alunos a usar a inteligência artificial e estas ferramentas. Há professores que ainda não as conhecem e, ao mesmo tempo, olham para estas ferramentas com receio, como se fosse um atalho para não estudar, o que é mentira. Acho que as escolas deviam fazer uma aliança com a inteligência artificial e não tentarem fazer um bloqueio.

■ **É necessário que haja vontade de adaptação a estas mudanças?**

■ Costumo dizer que não vale a pena travar o vento com as mãos. Estas ferramentas já estão disponíveis e, portanto, tem de haver uma abordagem prática por parte destas instituições, antes que comecem a perder relevância. No trabalho, já está a mudar a maneira como fazemos apresentações, escrevemos relatórios, analisamos dados. Há empresas que já usam inteligência artificial para automatizar tarefas e outras que estão a reinventar completamente os seus negócios com base nestas tecnologias. [A inteligência artificial] está a mudar tudo e numa questão de dois anos. Acaba por ser uma revolução muito maior do que revoluções anteriores, como a tecnológica e a industrial, que demoraram imensos anos. Cabe-nos a nós conseguirmos apanhá-la enquanto está em andamento. Caso contrário, deixamo-nos ficar para trás. Acho que não é isso que queremos.

■ **Como é que podem as pessoas ser capacitadas para isso, não ficar para trás?**

■ Acho que devem começar por se interessar mais, serem destemidas e curiosas. Estas tecnologias já estão disponíveis para todas as pessoas. No Google, no Safari, está tudo aberto. Existem duas plataformas que eu costumo consultar bastante: a There's an AI for That e a Futurpedia. São como se fosse o Google da inteligência artificial. Imaginando que eu quisesse criar um logótipo para a minha empresa, vou à There's an AI for That, pesquiso “ferramenta que dê para criar um logótipo” e vão aparecer todas as ferramentas da inteligência artificial que existem especificamente para criar logótipos. Se eu tiver algum problema, posso ir a esses *sites*. Digo qual é que é o meu problema e ele vai-me dar a resposta sobre qual inteligência artificial que eu devo usar. E por aí também que as pessoas podem ir.

■ **Referiu muitos benefícios, mas sabemos que algumas destas ferramentas de inteligência artificial estão também associadas a alguns riscos e impactos negativos... Como é que estes podem ser evitados?**

■ Eu acho que a principal desvantagem é a dependência. Se não tivermos o espírito crítico, que é essencial, e aceitarmos tudo o que a inteligência artificial gera, podemos acabar por confiar cegamente em respostas e em informação errada. Às vezes, a IA tem as chamadas alucinações e nem sempre as respostas estão certas. [A solução] passa por juntar a inteligência artificial à inteligência humana, juntar o nosso *know-how* a esta plataforma. Usá-la como um superpoder. Depois, a questão da regulação. Como é que podemos garantir que a inteligência artificial não é usada para manipular ou enganar? Já temos muitos exemplos de vídeos de celebridades a dizerem coisas que nunca disseram que foram gerados por inteligência artificial. E há um impacto no trabalho. Algumas funções vão ser substituídas, mas novas oportunidades também surgirão. Cabe-nos, mais uma vez, a nós percebermos onde é que nos vamos encaixar nesta nova realidade.

economia@expresso.imprensa.pt

EU E A IA O TEMPERO NA COZINHA

Joana Damião Melo
Fundadora e CEO da Senhora da Rosa, Tradition & Nature Hotel em São Miguel

Uso a IA no meu dia a dia como quem usa um tempero na cozinha: na medida certa! Admito que, no início, fui bastante relutante em adotar a IA, pois acreditei firmemente que a hotelaria é uma indústria feita por pessoas e para pessoas; mas rapidamente percebi que a IA pode ser uma excelente ferramenta de trabalho desde que bem conduzida e gerida. A primeira vez que a utilizei foi para criar um descritivo de funções, e por falta de tempo e de inspiração decidi recorrer ao Copilot. O resultado foi surpreendente! Eu escrevi o que necessitava e automaticamente obtive uma resposta bastante adequada, mas confesso que retoquei o texto por forma a “humanizá-lo”.

A partir daí tenho tirado vantagem da IA, pontualmente e em diferentes contextos, como por exemplo na criação de conteúdos programáticos para formações internas, na criação de anúncios de trabalho, para escrever textos que acompanham campanhas e lançamentos de pacotes, e até para nos auxiliar com alguns conteúdos digitais. Mas nunca utilizei nada do que é gerado sem reescrever e sem colocar o cunho da Senhora da Rosa, Tradition & Nature Hotel. O próximo passo é aprender a utilizar a IA para criar os 3D do nosso novo projeto, para que possamos ter imagens do que vai ser a nossa segunda unidade, a Casa do Barão. Na Senhora da Rosa queremos acompanhar a evolução da tecnologia mas nada irá substituir o contacto humano.

É no seu escritório em Lisboa que o consultor da AI Innovation Garden recebe o Expresso



“ ÀS VEZES, A IA TEM AS CHAMADAS ALUCINAÇÕES E NEM SÊMPRE AS RESPOSTAS ESTÃO CERTAS ”

